

A DESCONSTRUÇÃO DA IMAGEM DO HOMEM CIVILIZADO ATRAVÉS DO PERSONAGEM JOE CARIPUNA EM “MAD MARIA”, DE MÁRCIO SOUZA



THE DECONSTRUCTION OF THE IMAGE OF THE CIVILIZED MAN THROUGH THE CHARACTER JOE CARIPUNA IN “MAD MARIA”, BY MÁRCIO SOUZA

Eliane dos Santos Ramos¹
Larissa Gotti Pissinatti²

Resumo: O presente artigo propõe-se a analisar a representação do personagem indígena Joe Caripuna no romance “Mad Maria”, escrito pelo autor amazonense Márcio Souza e publicado em 1980. Pretende-se investigar os fluxos de memória (individual e coletiva) que são de extrema importância para que a narrativa denuncie a violência, a opressão, o genocídio e a exploração contra os nativos da região amazônica. A partir da denúncia feita pelo personagem indígena, há a dessacralização do colonizador e, conseqüentemente, do sistema colonial. O personagem também passa por um episódio de extrema violência que gera, como consequência, o seu processo de desconstrução e, posteriormente, a reconstrução da sua identidade. Este artigo tem como fundamentação teórica, em primazia, os autores Maurice Halbwachs (1990) e Márcio Souza (2019), que discutem as noções de desconstrução, memória, cultura e a exploração amazônica. Esta pesquisa contribui para que haja a desmistificação e ressignificação do processo de colonização da Amazônia, assim como a desconstrução da imagem deturpada dos indígenas criada pelos europeus.

Palavras-chave: Mad Maria; Márcio Souza; memória; desconstrução.

Abstract: This article aims to analyze the representation of the indigenous character Joe Caripuna in the novel “Mad Maria,” written by the Amazonian author Márcio Souza and published in 1980. The intention is to investigate the flows of memory (both individual and collective) that are extremely important for the narrative to expose the violence, oppression, genocide, and exploitation against the natives of the Amazon region. Through the denunciation made by the indigenous character, there is a desacralization of the colonizer and, consequently, of the colonial system. The character also undergoes an episode of extreme violence that results in his process of deconstruction and

¹ Mestranda em Estudos Literários - MEL - Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Graduada em Letras Portuguesas e suas Literaturas - Universidade Federal de Rondônia (UNIR), Membro do Grupo de Pesquisa em Literaturas de Língua Portuguesa - LILIPO/UNIR, Membro do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM/UNIR, Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6099854229175461>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-4434-1646>, E-mail: elianesramoss773@gmail.com.

² Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Maringá (2020), Mestra em Estudos Literários pela Universidade Federal de Rondônia (2016), Licenciada em Filosofia pelo Centro Universitário Assunção (2001), Pós-graduada em Filosofia da Religião (2002) e Gestão Educacional (2012), Professora do Programa de Pós-graduação Mestrado em Estudos Literários- PPGMEL/UNIR, Vice-Líder do Grupo de Pesquisa em Culturas, Literaturas e Amazônias - GPCLAM/UNIR/CNPq. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3047273542545380>, Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-7964-7063>, E-mail: larissa.pissinatti@unir.br

subsequently, the reconstruction of his identity. This article is primarily grounded in the theoretical frameworks of authors Maurice Halbwachs (1990) and Márcio Souza (2019), who discuss the notions of deconstruction, memory, culture, and Amazonian exploitation. This research contributes to demystifying and redefining the process of Amazonian colonization, as well as deconstructing the distorted image of indigenous people created by Europeans.

Keywords: Mad Maria; Márcio Souza; memory; deconstruction.

Introdução

O autor Márcio Gonçalves Bentes de Souza, que nasceu em Manaus, município no Amazonas, é um romancista, cineasta, teatrólogo e jornalista que aborda em seus livros a região amazônica, preservando a cultura regional. Em alguns de seus trabalhos, atua como crítico ao discutir sobre a Amazônia e os indígenas da região que sofreram com o processo violento de dominação, como nos livros “História da Amazônia”, publicado em 2019, e “Amazônia Indígena”, publicado em 2015.

A obra “Mad Maria”, um romance de Márcio Souza que foi publicado em 1980, aborda a construção da ferrovia Madeira Mamoré entre os anos 1907 e 1912 e tem como espaço o rio Abunã, na região amazônica. O objetivo da ferrovia era atravessar os pantanais do Rio Abunã, o que facilitaria o transporte da borracha entre Brasil e Bolívia. O romance é de grande importância tanto para a literatura quanto para a história da região amazônica, tendo recebido destaque ao servir de inspiração para a minissérie “Mad Maria”, veiculada pela Rede Globo em 2005.

No Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES e com base na busca de trabalhos relacionados ao tema no *Google Acadêmico*, a partir dos seguintes descritores: Mad Maria, Márcio Souza e Estudos pós-coloniais, encontramos dois trabalhos que merecem destaque, pois estão relacionados diretamente à temática dessa pesquisa. O primeiro trata da dissertação de mestrado de Márcia Letícia Gomes, intitulada “A ficção descolonizadora em Márcio Souza: uma análise de Mad Maria sob uma perspectiva pós-colonial” (2012), na qual a autora disserta sobre os impactos da construção da ferrovia na vida dos personagens colonizados do romance. O segundo é um artigo intitulado “A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza” (2017), de Wanessa de Oliveira Coelho e Marli Tereza Furtado, no qual analisam a maneira como o autor descreve a

Amazônia dentro da obra. Contudo, não encontramos trabalhos com a mesma temática que trata este artigo.

A partir disso, o presente artigo tem como finalidade investigar os fluxos de memória do personagem Joe Caripuna, assim como os motivos que o levaram a ter as duas mãos decepadas pelos trabalhadores da Ferrovia Madeira Mamoré. Entende-se que a denúncia que o personagem faz contra a violência e a opressão causadas pelo homem branco colonizador, tido como “civilizado”, seja de extrema importância para que haja a desmistificação do sistema colonial imposto aos nativos da região amazônica.

Com base nisso, utilizou-se autores renomados para a construção do referencial teórico, como Maurice Halbwachs (1990), que aborda as distinções entre os tipos de memória e a sua importância para os indivíduos; Thomas Bonnici (2009) que explica os processos de dominação utilizados pelos colonizadores e a importância da releitura dos textos literários; e, por fim, Márcio Souza (2019) que aborda em seu livro, “História da Amazônia” (2019), o engendramento que atraiu os colonizadores para a região e faz uma denúncia ao tratamento que os indígenas receberam.

Embora todo o enredo do romance “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, possua uma releitura do período de construção da Ferrovia Madeira Mamoré, este trabalho limita-se a investigar o personagem Joe Caripuna que apresenta fluxos de memória que são importantes para denunciar e subverter a imposição cultural e a violência dos europeus, assim como o embate entre o personagem e os homens “civilizados³” que resultou na assimilação cultural do indígena.

Uma breve contextualização do período de conquista da Amazônia

A Amazônia é uma floresta tropical surpreendente, que foi alvo de buscas por riquezas naturais e tesouros escondidos que atraíram muitos exploradores, inclusive numa tentativa frenética de encontrar a cidade perdida de El Dorado. De acordo com Márcio Souza, em “História da Amazônia” (2019), El Dorado consistia em um “País fabuloso situado em algum lugar do noroeste amazônico, dele se dizia ser tão rico e

³ O termo civilizado é utilizado diversas vezes no romance “Mad Maria” (1980), pelo personagem Joe Caripuna. Refere-se justamente aos europeus colonizadores devido ao discurso colonial de que eles eram cultos e civilizados.

cheio de tesouros que, segundo a lenda, o chefe da tribo recebia em todo o corpo uma camada de ouro em pó e a seguir se banhava num lago vulcânico.” (2019, p. 78). No entanto, ainda de acordo com Márcio Souza (2019), ocorreu uma descoberta frustrante, pois a cidade perdida era, na verdade, uma lenda que havia se fixado na mente dos exploradores.

Devido à busca pela cidade perdida e por outras lendas que prometiam tesouros e riquezas, muitos homens perderam a vida ao adentrar a selva amazônica, que escondia muitos “mistérios”. Há vários relatos de viagens que associam a Amazônia a um paradoxo entre o paraíso e o inferno, pois, apesar de possuir uma vasta beleza e riquezas naturais, a região também apresenta um clima quente e, durante o período de chuvas, ocorrem frequentes tempestades, dificultando a entrada na selva. Além disso, a região possui doenças tropicais, como a malária, e a presença de indígenas que outrora foram considerados bárbaros e violentos, pois, conforme explica Santos (2009, p. 16) “a riqueza majestosa, que encantou os cronistas, fez que os olhos da cobiça subjugassem o nativo, ignorando a sua presença e dizimando-o em nome do alargamento das fronteiras do território a ser ocupado.”

Após isso, iniciou-se várias expedições com o intuito de conquistar a região amazônica, que contou ainda com a presença da mão de obra africana que migrou para a Amazônia. No entanto, “[...] a revelação da Amazônia foi um verdadeiro impacto para os europeus. Uma verdadeira colisão cultural, racial e social” (SOUZA, 2019, p. 87). Ainda segundo Souza (2019), os europeus tomaram todas as medidas administrativas para dominar os indígenas e moldá-los de acordo com as suas necessidades. Evidencia-se, desta forma, o apagamento ou ocultamento das diferenças culturais entre os europeus e os indígenas. Ao passo que a colonização da Amazônia ocorria, os povos indígenas tentaram resistir, porém foram subjugados, marginalizados, explorados, silenciados, saqueados e mortos.

Houve, primordialmente, como aponta Bonnici (2009), a divisão do mundo em duas partes: o “Outro”, que representa o europeu colonizador visto como “centro” do mundo; e o “outro”, que representa o colonizado visto como a “periferia” do mundo. Acrescenta-se a esta divisão, ainda de acordo com Bonnici, o discurso colonial em que o colonizador é descrito como culto, civilizado e detentor de uma superioridade moral. No

que diz respeito ao colonizado, ele é descrito como alguém sem lar, sem religião, sem roupa e reduzido ao nível bestial.

Uma das estratégias utilizadas pelos europeus para dominar os povos indígenas, além do discurso colonial, foi a missão civilizatória, que teve como objetivo a conversão da religião dos nativos da região ao cristianismo e a imposição da cultura ocidental. Aos poucos, o indígena que continuou a conviver com o colonizador, perdeu a sua própria identidade ao adotar as práticas culturais dos europeus.

Dessa forma, criou-se uma deturpação da imagem do colonizador que, ainda hodiernamente, pode ser vista ou entendida como uma pessoa aventureira que possuiu boas intenções ao levar o progresso para a colônia, salvando os naturais da região de sua própria barbárie e do seu atraso cultural. Por isso, é de extrema importância que haja a repercussão de trabalhos que subvertem a imagem do colonizador como “mocinho” da história, porque foi devido ao processo de colonização que a imagem do indígena foi estrategicamente inferiorizada e associada à barbárie, o que resultou no apagamento da voz do indígena.

A memória como ferramenta de desconstrução da identidade do homem civilizado

A memória é uma ferramenta capaz de fazer com que um indivíduo se lembre de momentos que viveu e histórias que ouviu. Segundo Halbwachs (1990), em sua obra “Memória Coletiva”, há a “memória individual” que corresponde exatamente aos momentos que um indivíduo viveu ou presenciou. Trata-se de uma recordação pessoal denominada lembrança. Existe também a “memória coletiva”, de outra pessoa, que tem o poder de reconstruir o passado, sendo distinta da “memória histórica”, responsável por supor uma reconstrução do passado com base em dados fornecidos pelo presente da vida social, os quais são projetados no passado, reinventando-o. A partir destas distinções, o autor discorre a respeito da importância da memória e suas atribuições para um indivíduo.

Desse modo, a memória é uma ferramenta essencial para a contribuição de informações em vários campos de estudo, como é possível verificar no excerto abaixo:

Na história, na educação, na filosofia, na psicologia o cuidado com a memória fez dela não só um objeto de estudo, mas também uma tarefa ética: nosso dever consistiria em preservar a memória, em salvar o desaparecido, o passado, em resgatar, como se diz, tradições, vidas, falas e imagens (GAGNEBIN, 2006, p. 97).

Na literatura, a memória pode ser utilizada para ressignificar o passado e, com base nisso, é possível averiguar que no romance “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, ao abordar o período de conclusão da construção da Ferrovia Madeira Mamoré, um dos grandes empreendimentos da região amazônica, há a desconstrução da imagem do homem civilizado e a subversão do sistema colonial que foi imposto pelos europeus. De acordo com Thomas Bonnici (2009), é necessário que se faça uma releitura de textos literários para identificar as “implicações imperialistas e trazer à tona o processo colonial” (2009, p. 269).

Nessa perspectiva, o romance de Márcio Souza, ao apresentar os embates entre os colonizadores e os indígenas da região, dando enfoque aos fluxos de memória do personagem indígena Joe Caripuna, revela-se como uma ferramenta importante para desconstruir a imagem do homem civilizado, porque através da leitura do romance, há a oportunidade de ouvir a voz do indígena mediada pela ficção e denunciar os colonizadores, a dita colonização e as estratégias para dizimar, silenciar, explorar e oprimir os indígenas, ao passo que reconta como ocorreu o processo de construção desse grande empreendimento.

Os fluxos de memória do personagem Joe Caripuna, revelados pelo narrador, aparecem como uma denúncia contra a violência e a opressão causadas pelos colonizadores. Há dois tipos de memória presentes na narrativa: a individual e a coletiva. A memória individual de Joe Caripuna, associada à memória coletiva de seus antepassados, transmitida a ele oralmente, desempenha um papel fundamental na construção do romance e do personagem. Através dos relatos, revela-se um passado que não deve ser esquecido, contribuindo assim para a denúncia de um povo marginalizado, como também se agrega à memória nacional.

Ao ver-se sozinho, Joe Caripuna passa a observar os trabalhadores e, no decorrer da narrativa, as suas lembranças constroem um personagem fundamental para o romance. Dessa forma, a releitura da obra “Mad Maria” (1980), preenche os vazios da

memória coletiva e subverte o processo de colonização, evidenciando todo o sofrimento e a violência causada aos indígenas da Amazônia.

Joe Caripuna: a voz desconstrutora da identidade colonizada

Joe Caripuna representa, no romance, a voz de um indígena que viu o seu povo, aos poucos, ser destruído pela cobiça dos colonizadores. Através do personagem, há uma denúncia que evidencia a violência que os indígenas sofreram desde os primeiros contatos com os europeus, intitulados homens “civilizados”.

No início do romance, o índio caripuna, que a princípio não revela o seu nome, vivia sozinho vigiando os trabalhadores da ferrovia que invadiriam as terras que pertenceram ao seu povo. Ele observava os seus hábitos para entendê-los melhor. Ele furtava objetos e alimentos do alojamento dos trabalhadores para sobreviver, mas o seu ato causou grande confusão entre os funcionários, pois os alemães acusaram os barbadianos de roubo mesmo sem provas, o que terminou em algumas mortes.

Nesta passagem, evidencia-se que os homens, ditos civilizados, foram capazes de matar os seus colegas de trabalho por objetos de pouco valor e acusações infundadas, apoiados em um discurso colonial que descrevia o homem colonizado como ladrão. Os roubos, para Joe, não tinham o mesmo significado que tinham para os homens “civilizados” que eram “[...] tão miseráveis que um toco de lápis era como uma lâmina de ouro” (SOUZA, 1980, p. 130).

No decorrer do romance, os fluxos de memória do indígena levam o leitor às lembranças das histórias que ele ouviu de seus ancestrais sobre os primeiros contatos com os colonizadores. Em uma das memórias coletivas presentes no romance, o seu ancestral conta que quando o seu povo tentou um contato pacífico e sem armas com os colonizadores, eles foram cruelmente assassinados. No seguinte trecho, outra memória coletiva vem à tona e revela a violência praticada pelos colonizadores:

Quando algum civilizado chegava na maloca, todos vinham recebê-lo e mostrar amizade para amansar o branco. É que os velhos diziam sempre que de todas as tribos os civilizados eram os mais bravos e perigosos porque matavam sem nenhum motivo, sem estarem fazendo guerra ou por qualquer cerimônia deles.

Matavam por matar, atirando com as suas espingardas até naqueles que vinham para a beira do rio fazer sinal de alegria (SOUZA, 1980, p. 80).

Denuncia-se, dessa forma, a violência e o genocídio contra os indígenas que tentaram pacificamente um contato amigável com os colonizadores.

Mais adiante, o narrador desmistifica a suposta identidade violenta do povo indígena que foi criada pelos “civilizados”:

Os civilizados chamavam o seu povo de caripuna e tinham inventado a lenda de que eles eram perigosos porque usavam duas penas de arara, amarelas, atravessadas no nariz. Era mentira, as penas só eram usadas em determinadas cerimônias e os homens de seu povo não gostavam de guerra e mantinham apenas algumas cerimônias lembrando que já haviam lutado em guerras, isto há tanto tempo que nenhum velho podia afirmar ter participado delas. Mas os civilizados gostavam de mentiras e começaram a matar gente de sua maloca ou a atrair os rapazes com promessas que nunca cumpriam (SOUZA, 1980, p. 80-81).

Ao revelar as mentiras inventadas sobre os indígenas, fica evidente que a sua denominação étnica, intitulada caripuna, também foi criada pelos europeus. Ao analisar cuidadosamente o excerto acima, pode-se observar a descrição de estratégias utilizadas para dominar os povos indígenas, pois de acordo com Santos (2009), “aos olhos do invasor, o índio, como um ser bárbaro, deveria ser domesticado; por não ter a fé do colonizador, deveria ser catequizado; dado o número incontável deles, seria mão-de-obra abundante” (SANTOS, 2009, p. 16). Com base nisso, além de associar os indígenas à barbárie, eles eram atraídos por falsas promessas que levaram alguns a trabalharem com seringueiros, enquanto outros tiveram que fugir de suas terras. Alguns indígenas começaram a consumir bebidas alcóolicas, assim como algumas mulheres começaram a se prostituir no vilarejo de Santo Antônio (SOUZA, 1980).

Posteriormente, de acordo com as lembranças do personagem, revela-se que Joe Caripuna morava em uma maloca com cerca de vinte famílias e já havia sido casado. No entanto, devido à presença dos homens brancos, os indígenas, aos poucos, abandonaram o local. Quanto à sua esposa, ela foi assassinada de forma violenta pelos “civilizados” depois de se recusar a ser levada à força por eles. Isso evidencia o que Enrique Dussel (1993), discute em seu livro “1492: o encobrimento do outro”, onde aborda o fato de que o povo indígena foi morto violentamente ou reduzido à servidão. Ainda conforme Dussel

(1993), o fato de outras culturas serem “civilizadas” e saírem de sua barbárie era considerado um progresso que ocultava a violência ou dominação que aquele povo sofria.

A partir disso, é possível constatar que através do personagem Joe Caripuna, há a desmistificação de que o indígena era um homem selvagem e bárbaro, ressignificando a identidade da população indígena que outrora foi deturpada. Em relação ao colonizador, evidencia-se que o bárbaro e selvagem era, de fato, o homem branco.

Mais adiante, com o único desejo de se abrigar da chuva, o personagem indígena entrou no alojamento dos “civilizados” e foi visto pelos trabalhadores da ferrovia. Ao ser confrontado, os pertences que havia roubado caíram no chão. Os homens reconheceram rapidamente os seus objetos desaparecidos. Tudo o que Joe Caripuna possuía foi retirado dele, conforme o trecho abaixo:

Tudo o que tinha lhe foi retirado, incluindo o calção imundo, presente dos homens do Pai Rondon. Os civilizados estavam excitados e batiam nele, batiam com força e ele gritava. Vomitava sangue e os beijos estavam partidos e inchados e mal podia abrir os olhos. Aconteceu então o pior. Os civilizados seguraram ele esticado no chão e colocaram os dois braços dele sobre um dormente. Um civilizado pegou um machado e decepou na altura do antebraço as suas mãos (SOUZA, 1980, p. 103).

Neste trecho, é possível verificar que os trabalhadores “civilizados” da ferrovia, que no momento estavam na situação de subalternidade, foram capazes de decepar os membros de um indígena num ato de extrema violência, assim como eram capazes de matar por motivos banais e matariam Joe se o engenheiro do acampamento, Sthefan Collier, não tivesse intervindo.

O indígena passa a ser atendido pelo médico do acampamento, Richard Finnegan, de quem recebe o nome Joe Caripuna. A partir do contato com os “civilizados”, Joe passa a aprender rapidamente os costumes do “Outro” e sente-se endividado pelo médico ter salvo a sua vida. Há uma preocupação que atormenta a mente do indígena: quando o médico cobrar a dívida por tê-lo salvado, ele terá condições de retribuir? No entanto, essa era uma preocupação exclusiva do indígena devido às diferenças culturais.

Entretanto, todos se admiram da sua capacidade de continuar sendo um homem feliz, mesmo que tenha sido vítima de extrema violência, com requinte de crueldade.

Para o médico, a única explicação que vem à mente, é alguma força espiritual que lhe dá contentamento, pois, para ele, era difícil acreditar que um homem sem as mãos, vítima de um ato desumano, continuaria a sorrir e alegrar as pessoas que estavam a sua volta da forma como Joe fazia.

Joe Caripuna logo se recupera e passa a ter habilidades que divertem a todos que o veem, como acender palitos de fósforo com os dedos dos pés. A partir daí, o indígena passa a se familiarizar com a cultura dos “civilizados”, devido ao contado com os homens da Ferrovia Madeira Mamoré.

A partir desse processo, o indígena, após ser levado ao hospital da Candelária, situado em Porto Velho, próximo ao vilarejo de Santo Antônio, passa a compreender melhor a cultura do europeu. No seguinte trecho, é possível averiguar tal comportamento, após Joe pensar que estava ganhando presentes ao receber objetos em troca da realização de alguns truques com os pés:

Por isto, quando recusou-se a acender com os pés o cigarro de um doente, este, após muita insistência, deu-lhe de presente uma camisa. Joe aceitou porque tinha gostado da camisa, agradeceu e voltou para a sua cama, enfurecendo o doente que lhe pedira para acender o cigarro. O doente levantou-se e foi até a cama de Joe.

— Escuta aqui, você não vai acender o meu cigarro, índio? — perguntou enfurecido o doente. Joe Caripuna sorriu e sacudiu negativamente a cabeça.

— Agora não, amigo. Joe está cansado.

O doente recebeu a resposta como um insulto.

— Então devolva a minha camisa (SOUZA, 1980, p. 319-320).

A partir da negociação feita com a camisa, Joe aceitou acender o cigarro do doente em troca da vestimenta. Dessa forma, ele compreendeu que este era um costume do homem europeu e passou a “cobrar”, recebendo vários presentes, para realizar os pedidos de truques.

Com o passar do tempo, o indígena passou a tocar piano com o auxílio de uma mulher boliviana chamada Consuelo. Ela sofreu um acidente e foi resgatada desacordada, sendo levada à enfermaria onde Joe também estava internado, em recuperação devido ao decepamento de suas mãos. Esta nova habilidade foi usada por Percival Farquar, um dos responsáveis pela construção da ferrovia, como fonte de renda. Farquar conseguiu um contrato para o indígena tocar piano fora do país, mas somente porque “ganharia trinta por cento de todos os rendimentos da atração, além do

ressarcimento das despesas com a vinda dos dois de Porto Velho para o Rio” (SOUZA, 1980, p. 414). Após Joe Caripuna e Consuelo chegarem ao Rio de Janeiro, partiram para Nova York. Após dezesseis anos que o indígena saiu do seu país de origem, ele morreu de sífilis.

Com isso, é possível destacar que Joe Caripuna é um personagem que desconstrói a imagem do colonizador que se auto intitula civilizado para dominar os povos originários da Amazônia. A partir da memória individual e coletiva do personagem, há uma denúncia de toda a opressão, exploração, genocídio, violência e outras estratégias dos colonizadores que inferiorizavam e destruíam a identidade dos indígenas, assim como o ato de extrema violência que sofreu pelas mãos dos trabalhadores da ferrovia Madeira Mamoré e, apesar de sofrer o processo de transculturação, ainda foi explorado, como associado a algum objeto ou empreendimento lucrativo, para que um europeu lucrasse a partir de suas habilidades.

Considerações finais

Com base na análise do personagem Joe Caripuna, da obra “Mad Maria” (1980), de Márcio Souza, foi possível, através dos fluxos de memória, individual e coletiva, denunciar o genocídio que o povo indígena sofreu durante o período de colonização da Amazônia, assim como a invenção de uma identidade violenta que foi associada à barbárie e ao atraso cultural. Os indígenas também foram explorados, marginalizados, oprimidos e silenciados. O personagem Joe Caripuna, ao denunciar a imposição da cultura europeia e a violência que ele e os seus antepassados passaram, dessacraliza a imagem do colonizador que apenas visava o lucro e as riquezas naturais da Amazônia.

Dessa forma, as memórias individual e coletiva são utilizadas pelo narrador para dar voz não somente ao personagem analisado, mas também aos seus ancestrais que fizeram os primeiros contatos com os colonizadores e passaram a ser ouvidos devido à memória coletiva que foi passada de geração para geração e contribui, assim, para uma memória nacional.

Ao encontrar-se sozinho e faminto, o indígena passa por um episódio de extrema violência que, num ato de crueldade, leva o personagem a ter as duas mãos decepadas pelos trabalhadores da Ferrovia Madeira Mamoré por furtar pequenos objetos.

O personagem Joe Caripuna, no romance “Mad Maria”, denuncia as violências causadas pelos colonizadores, desmistifica o processo de colonização e representa os indígenas que, fora da ficção, sofreram de fato, com a imposição cultural e o apagamento.

Pode-se concluir, portanto, que a obra, como um todo, denuncia a violência que houve durante a construção da Ferrovia Madeira Mamoré. No entanto, por intermédio do personagem indígena que usa as lembranças da memória individual e coletiva de seus ancestrais para ressignificar a identidade de seu povo, há a possibilidade de conhecer a outra “face” da história oficial e assim poder contribuir para a desconstrução do discurso colonizador que por muito tempo criou estereótipos sobre o colonizado, não só no campo da literatura ou da história, mas também, no imaginário coletivo da sociedade brasileira.

Referências

BONNICI, Thomas. Teoria e Crítica Pós-colonialistas. In: BONNICI, Thomas; ZOLIN, Lúcia Osana (Org.) **Teoria literária: abordagens históricas e tendências contemporâneas**. 3. ed. Maringá: Edum, 2009. p. 257-283.

COELHO, Wanessa de Oliveira; FURTADO, Marli Tereza. A figuração da Amazônia em Mad Maria, de Márcio Souza. **Asas da Palavra**, Belém: Unama, vol. 14, n. 1, jun. 2017, p. 53-61. Disponível em: <http://revistas.unama.br/index.php/asasdapalavra/article/view/986/533>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

DUSSEL, Enrique. **1492: o encobrimento do outro**. Petrópolis: Vozes, 1993.

GAGNEBIN, Jeanne Marie. O que significa elaborar o passado? In: GAGNEBIN, Jeanne Marie. **Lembrar escrever esquecer**. São Paulo: Editora 34, 2006. p. 97-106.

GOMES, Márcia Letícia. **A ficção descolonizadora em Márcio Souza: uma análise de Mad Maria sob uma perspectiva pós-colonial**. 2012. 96 f. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Rondônia. Porto Velho, 2012. Disponível em: <https://core.ac.uk/download/pdf/294852917.pdf>. Acesso em: 15 de jun. de 2023.

SANTOS, Luzia Aparecida Oliva dos. **O percurso da indianidade na literatura brasileira: matizes da figuração**. São Paulo: Cultura acadêmica, 2009.

SOUZA, Márcio. **Amazônia Indígena**. 2 ed. Manaus: Record, 2015.

SOUZA, Márcio. **História da Amazônia**. Manaus: Record, 2019.

SOUZA, Márcio. **Mad Maria**. São Paulo: Círculo do livro, 1980.

Submetido em 18 de outubro de 2023.

Aceito em 06 de dezembro de 2023.